

IGREJA
LUSITANA
COMUNHÃO
ANGLICANA

TRIMESTRAL
NOVEMBRO 2023

Nº 189
€1.50

o novo despertar



DESTAQUES NESTA EDIÇÃO



Pág. 7
Servo bom e leal



Pág. 15
Primeira mulher sagrada em Angola



Pág. 20 e 21
Os que procuram e as igrejas



Pág. 22 e 23
A Cruz Em Que Somos Pregados!

CAMPANHA 2023 - ASSINATURA ANUAL 10€ E ASSINATURA BENEMÉRITO 15€



963 037 073



IBAN PT50 0033 0000 00005468868 81

COM INDICAÇÃO: ND 2023 + (NOME) + NIF (NÚMERO IDENTIFICAÇÃO FISCAL)

Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva, José Manuel Cerqueira, Catarina Sá Couto **Colaboradores neste número:** Miriam Lopes, Joris Vercammen, Estela Lamas, Angelina Mbucio **Fotografia de Capa:** Cruz Processional da Sagração da Bispa Maria Kubin **Design:** Mário Ferreira **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **IBAN:** PT50 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



D. Jorge Pina Cabral

ATRIBULADOS, MAS NÃO DESANIMADOS. ABATIDOS, MAS NÃO DESTRUÍDOS.

Dois dias depois de ter sido severamente atingido por mísseis, o Hospital Anglicano Al Ahli situado em pleno centro da cidade de Gaza, na Palestina, reabriu as suas portas e serviços para continuar a apoiar uma população ferida e devastada pela atual guerra entre Israel e o Hamas. Os seus serviços médicos e de cuidado dirigem-se a todos independentemente da sua religião, nacionalidade e origem. O propósito é fazer o bem sem olhar a quem. Fundado em 1882 o Al Ahli Arab Hospital é um refúgio de paz no meio de um dos lugares mais problemáticos do mundo. A sua gestão e manutenção fazem parte do ministério de assistência médica promovido pela Igreja Anglicana Episcopal em Jerusalém e no Médio Oriente pertencente à Comunhão Anglicana.

Inspirado na parábola do Bom Samaritano o ministério de assistência médica é um importante e crescente ministério desta diocese anglicana, oferecido aos necessitados independentemente da sua raça, religião ou capacidade económica para pagar os serviços. A diocese serve milhares de pacientes todos os anos e através deste trabalho constroem-se pontes de paz numa região em permanente conflito. Ao colocar a fé em ação, cuidando de todos através do amor de Cristo, a Igreja inspira outros a fazer o mesmo e cria fortes laços de relação com as populações.

Referindo-se ao ataque sofrido e ao contexto de guerra o Arcebispo Anglicano de Jerusalém e do Médio Oriente, Hosam Naoum afirmou : *«a diocese episcopal de Jerusalém condena este atroz ataque que ocorreu no coração de Gaza. Os relatórios iniciais sugerem a perda de inúmeras vítimas, uma manifestação do que só pode ser descrito como um crime contra a humanidade. Os hospitais, segundo os princípios do direito humanitário internacional, são santuários, mas este ataque transgrediu esses limites sagrados. Acolhemos as palavras do Arcebispo de Cantuária, Justin Welby, que implorou pela salvaguarda das instalações médicas e pelo fim das ordens de evacuação»*. Citando a segunda carta de S. Paulo aos Coríntios referiu também: *«Em tudo somos atribulados, mas não desanimados; perplexos, mas não levados ao desespero; perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos e mantemos um espírito inabalável diante da adversidade»*.

O testemunho de fé dos cristãos e das diversas Igrejas no médio oriente tem sido exemplar perante uma constante perseguição e discriminação a que tem vindo a ser sujeitos há longos anos, provocada pelo condenável extremismo

político e religioso quer do lado judeu quer do lado árabe e muçulmano. Os Patriarcas e líderes destas sofridas Igrejas reafirmaram no atual momento de guerra o seu pleno compromisso com o seu dever moral e sagrado de oferecer assistência, suporte e refúgio a todos os civis em perigo independentemente da sua religião. Verdadeiramente só o amor é digno de fé. E permanecendo junto dos que sofrem os cristãos e as Igrejas apesar das suas perdas e dor, assumem plenamente Cristo crucificado na paixão de tantas vítimas inocentes.

Ainda hoje Jesus continua a ser crucificado em lugares que só se tornam conhecidos pelos horrores que aí são cometidos. São o Gólgota, o lugar do Calvário, do nosso tempo, lugares que saltam para a primeira página dos jornais pelos massacres e horrores que aí se praticam. Lugares onde ninguém quer estar, mas onde tudo se joga: a barbárie humana e o sofrimento dos inocentes; o desprezo pela vida e a interpeladora resistência das vítimas. Gólgotas que hoje se chamam faixa de Gaza ou o Kibbut Be'eri, Busha e Bakhmut na Ucrânia ou Cartum no Sudão. Nestes lugares em ruínas percebemos a santidade naqueles que resistem e teimam em encontrar sentido para as suas vidas. Percebemos a santidade nas famílias que enterram e choram as suas crianças desfeitas por bombardeamentos bárbaros. Percebemos a santidade naqueles que cuidam dos outros mesmo sem condições e que tudo fazem para salvar vidas humanas sabendo que cada vida, cada ferido, cada corpo que se lhes apresenta é de um valor único e irrepetível.

Com o coração sofrido perante tantos horrores provocados pelo pecado humano juntamos a nossa voz à de todos os homens e mulheres de boa vontade que apelam a um cessar fogo e ao fim da violência provocada por extremistas que só sabem alimentar um ciclo vicioso de ódio e de morte. Sustentados no poder da oração cujo mediador é Cristo Ressuscitado oramos com fé e confiança pelos povos irmãos da Palestina e de Israel, da Rússia e da Ucrânia, do Sudão do Norte e do Sudão do Sul.

Oramos também pedindo perdão a Deus pelo desfigurar da sua amada família humana e de toda a sua bela Criação.

Perdoa-nos Senhor!

+ Jorge



CONFIRMAÇÃO, HOMENAGEM E RENOVAÇÃO DO TEMPLO

SÃO TOMÉ

No domingo 18 de junho e no contexto da celebração do 77.º aniversário da paróquia, foi confirmada pelo Bispo diocesano a jovem Vera Lia Belchior Alexandre de 18 anos e membro muito dedicado e comprometido da comunidade e monitora da Escola Dominical. A Vera referiu: *"sabia que estava prestes a entrar numa nova fase de vida importante para mim. Quis iniciá-la depois de afirmar a minha fé "oficialmente", perante Deus, o nosso Bispo e toda a minha comunidade"*.

Em contexto de festa e de reconhecimento e no final desta celebração a comunidade reunida e o bispo diocesano prestaram uma singela, mas reconhecida homenagem, ao Sr. Leonel da Conceição Ferreira pelo seu testemunho de fé e trabalho na Igreja de S. Tomé ao longo já de uma vida longa. Para este efeito, foi descerrada uma

placa alusiva tendo na ocasião, o Reverendo Pároco Sérgio Paulo Cabaço, referido, que Leonel Ferreira soube estar sempre disponível para colocar os seus dons ao serviço da Igreja realizando múltiplos trabalhos e serviços para bem de todos e glória de Deus.

Por decisão da Junta Paroquial foram realizadas obras de renovação do espaço do culto com novas pinturas, nova iluminação e colocação de ar condicionado. No domingo 15 de outubro e no contexto da Festa do Trabalho e das Colheitas o espaço de culto voltou a ser utilizado tendo-se dado graças a Deus pelo bom trabalho realizado. Continua o projeto-concurso denominado «Caminhando eu vou» que tem envolvido os membros da comunidade na realização de atividades temáticas a serem apresentadas no próximo 3 de dezembro.



MISSÃO CELEBRA ANIVERSÁRIO

MARIA MAGDALA

A Missão Maria de Magdala celebrou no dia 22 de julho de 2023, em Mira e pelo terceiro ano consecutivo, a sua festa onomástica. Foi a festa da Fé, a festa da vida que se iniciou da parte da manhã com uma celebração eucarística e a bênção da Cruz de Pregos e teve a sua continuidade com um almoço comunitário e confraternização. Estiveram presentes irmãos e irmãs dos Arciprestados Norte e Sul, e de modo especial destaca-se o apoio do DMIL e a participação da sua presidenta Brígida Arbiol na coordenação e execução do evento.

Ao meio-dia teve lugar a Litania da Reconciliação dirigida pela missionária Nivia Ivete de la Paz, tendo de seguida as Reverendas Abilene Fischer e Ilma Rios, conjuntamente com os Reverendos Pedro Fernandes e Carlos Duarte (Vigário-Geral), feito a imposição das mãos abençoando a Cruz de Pregos, símbolo de reconciliação adotado pela Missão como ministério pastoral e leigo. O início das atividades na Capela da Cruz de Pregos marca a entrada da Missão Maria de Magdala e da Igreja Lusitana na Comunidade Internacional que faz da frase: «Pai, perdoa!» oração e praxis pela reconciliação e pela paz. Foi um dia muito abençoado e que expressou a vida e compromisso desta nova Missão da Igreja Lusitana.





CRIAÇÃO ARTÍSTICA, BAZAR E RECEÇÃO NA IGREJA

S. MATEUS

No dia 3 de junho, realizou-se um encontro de crianças, com a orientação da Ana Carolina Rios, e com o tema «O Maior Pintor do Mundo». Através da música infantil e da apresentação de histórias bíblicas sobre a Criação, as crianças foram motivadas a elaborar os seus próprios trabalhos e pintaram juntas uma bonita tela colorida com as suas próprias mãos. Foi uma oportunidade também de contactar e falar com diversas famílias e convidá-las a integrarem-se na vida da Igreja.

Uma semana mais tarde, a Paróquia realizou no salão paroquial um bazar solidário, tendo como objetivo, divulgar a loja social, dar a conhecer a Igreja e angariar fundos para a ajuda fraterna aos mais necessitados. Os diversos visitantes foram convidados a conhecer o templo, a história da Igreja e a frequentar os cultos dominicais e restantes atividades comunitárias.

A 1 de outubro e no contexto da celebração Eucarística dominical presidida pelo bispo diocesano, foi recebido como membro da Igreja Lusitana, Rui Vaz, que no contexto da própria celebração colocou os seus dons ao serviço da comunidade acompanhando ao órgão os cânticos e hinos entoados. A propósito da sua recepção o novo membro referiu: "de coração aberto, fui escutando o que o Senhor me tinha a dizer e talhou para mim até que encontrei nesta comunidade o acolhimento fraterno, de braços bem abertos. Sinto que tomo parte de uma Igreja de pedras vivas, disponíveis e animadas ao testemunho e ao serviço. A integração do Rui Vaz na Igreja Lusitana foi precedida do acompanhamento e da orientação da Reverenda Ilma Rios. Por tudo damos graças a Deus.





SERVO BOM E LEAL

CÓNEGO CARLO ALUIGI

Em 28 de maio passado e com 88 anos de idade, partiu para Deus o Presbítero Carlo Aluigi, Cónego da Catedral de S. Paulo, que foi durante muitos anos um ministro ativo na missão e obra da Igreja Lusitana e em particular no Arciprestado do Sul. O seu funeral teve lugar no dia 31 de maio, na Catedral de S. Paulo tendo sido presidido pelo Bispo D. Jorge com a participação do Bispo Emérito D. Fernando, de membros do clero, familiares e povo de ambos os Arciprestados.

No seu longo ministério presbiteral de 63 anos iniciado no dia 2 de abril de 1960, 5ª feira santa, na Catedral de Milão onde foi ordenado com mais 35 colegas pelo Cardeal Montini, mais tarde Papa Paulo VI, o Cónego Carlo Aluigi soube ser sempre um pastor afetuoso e disponível que guiou muitos no caminho da fé em Jesus Cristo. Conforme referido na homilia do funeral, o seu cantar alegre provindo da sua origem bem latina e italiana e o seu sorriso bondoso, expressão da sua paz e felicidade interior, despertavam sentimentos alegres e bons nas ovelhas que Deus lhe confiou. Foi pároco nas comunidades lusitanas de Vila Franca de Xira, Setúbal, Vila Verde dos Francos e Salvaterra de Magos tendo pertencido durante muitos anos à Comissão Permanente da Igreja Lusitana. Em texto escrito recentemente para o Novo Despertar partilhou:

«Não escondo que me sinto feliz neste momento porque me considero como um peregrino e naufrago que chega ao fim da peregrinação e da travessia, com momentos tempestuosos e de angústia, momentos de acalmia e esperança. Sempre senti a presença de Jesus a conduzir-me pela mão. A todos nós que ainda somos peregrinos, votos para que possamos continuar a servir esta parcela da Igreja com os olhos postos na Páscoa da vitória da vida: «O Senhor ressuscitou, Aleluia!».

Ao longo do seu ministério na Igreja foi sempre acompanhado dedicadamente por sua esposa D. Maria da Glória Aluigi. À sua esposa, filha e restantes familiares o Novo Despertar expressa sentidas condolências sustentadas na alegria e na fé na Ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo.



BATISMO, CONFIRMAÇÃO E MEMÓRIA DE
DIOGO CASSELS

S. JOÃO EVANGELISTA

No passado dia 17 de setembro de 2023 realizou-se, durante a celebração eucarística dominical, o batismo de Teresa Videira Ferreira, filha de Marina Videira e Nuno Ferreira. A cerimónia foi presidida pelo Bispo Diocesano, D. Jorge Pina Cabral, com a presença do pároco Presbítero Jaime Dias, acolitados pelo Leitor José Manuel Cerqueira. Estiveram ainda presentes diversos membros da paróquia, bem como familiares da pequenina Teresa.

A tradicional e sempre significativa festa do Trabalho e das Colheitas congregou a comunidade em ação de graças a Deus no domingo 22 de outubro. A Igreja enfeitada com os frutos e produtos da terra acolheu uma numerosa assembleia. As crianças da Escola dominical apresentaram uma bonita mensagem de cuidado e de compromisso com a Criação de Deus.

O domingo 5 de novembro foi de festa para a comunidade de S. João Evangelista. Na celebração Eucarística presidida pelo Bispo Diocesano foi confirmado e recebido na Igreja o jovem Filipe Machado da Costa de vinte anos de idade e evocada a memória do benemérito ministro de Deus Reverendo Diogo Cassels na passagem do centésimo aniversário do seu passamento para Deus (1923-2023). Participaram na celebração diversos convidados ecuménicos, autoridades civis e membros e amigos da Igreja e Escola do Torne. Seguiu-se um almoço comemorativo que congregou num animado e festivo ambiente mais de cem pessoas.





BATIZADO E CUIDADO COM A CRIAÇÃO

BOM PASTOR

O Centro Social do Bom Pastor da Associação das Escolas do Torne e do Prado, assinalou o seu 26.º aniversário no dia 6 de outubro de 2023, com uma Celebração Eucarística de Ação de Graças na Igreja do Bom Pastor.

No Sábado, 7 de outubro a paróquia acolheu um Encontro de Reflexão e Estudo Bíblico que reuniu 30 participantes, muitos dos quais jovens, sobre o tema do "Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável" inserido na terceira fase da Conferência de Lambeth. Foi uma iniciativa conjunta do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos e do Arciprestado Norte da Igreja Lusitana - Comunhão Anglicana.

A 15 de outubro realizou-se a celebração da Festa do Trabalho e das Colheitas com o Sacramento de Batismo da jovem Verónica Silva Brito. No final da celebração foi plantada em ação de graças a Deus uma árvore no jardim paroquial.





BATIZADOS E VIVÊNCIA ECUMÊNICA

SALVADOR DO MUNDO

Foi com muita alegria e sentido de Missão que a Paróquia do Salvador do Mundo, acolheu a 25 de junho passado, a celebração de dois Batismos no contexto da Eucaristia Dominical.

Os batizados, Gabriel e Carlota, filhos de Ricardo Barbosa e Miriam Rolão Barbosa, são netos de Joaquim Rolão e Bisnetos de João Rolão, uma família que ao longo de muitos anos se devotou à Paróquia, servindo a comunidade em várias frentes de Missão. Quão belo foi vivenciar a alegria e gratidão dos familiares ao estarem na Igreja, marco da sua Fé, num momento de transmissão dessa mesma Fé à nova geração.

No domingo, 29 de outubro de 2023, a Paróquia do Salvador do Mundo, celebrou a tradicional Festa do Trabalho e das Colheitas. O Templo estava devidamente embelezado com as ofertas dos Irmãos, que serão

posteriormente aplicadas no "projeto esperança" da Paróquia, através da dádiva de cabazes alimentares. Na celebração, recebeu o Sacramento do Batismo o menino Sérgio Plisnic Oliveira filho de João Paulo dos Santos Oliveira e de Sanja Plisnic Oliveira. A Igreja integra assim mais um Irmão na família da fé, dando um belo sinal de acolhimento e construção do Reino de Deus.

Em contexto de abertura e relacionamento ecumênico a Paróquia do Salvador do Mundo acolheu a 20 de setembro a Celebração e Vigília Ecuménica do "Tempo da Criação" de iniciativa da Comissão Ecuménica do Porto e também a 21 de outubro o Encontro Nacional Anual e Assembleia Geral do Dia Mundial de Oração – Portugal. Ambos os eventos estreitaram laços entre irmãos de diversas Igrejas reforçando assim o caminhar ecuménico.



EVENTOS DE VERÃO CONGREGAM POVO DA IGREJA

De 23 a 30 de julho teve lugar nas instalações da ACM na Foz de Arouce na Lousã a XXXII edição do Campo de Férias para crianças e jovens promovido pela Igreja Lusitana. Este ano o tema que orientou as orações e os estudos bíblicos foi «A paz vos dou» (João 14,27) e o Campo contou com 60 participantes entre crianças, jovens e monitores. O programa do Campo de Férias foi composto pelas tarefas diárias de grupo, estudos bíblicos, banhos no rio, passeios a pé pela natureza, desporto e convívio da noite.

Reinou sempre um ambiente e clima de paz e de grande comunhão entre todos os participantes sublimado pela beleza da natureza envolvente. Seguindo uma já longa tradição realizou-se um dia aberto às famílias e comunidades da Igreja do qual constou uma celebração eucarística animada pelos participantes e um almoço de churrasco. Estiveram presentes 150 pessoas.

De 31 de julho a 6 de agosto realizou-se na Catedral de S. Paulo em Lisboa uma semana aberta aos jovens da Igreja. Pernoitando nas novas instalações da Casa

da Hospitalidade um grupo de 15 jovens integrou-se ao longo desta semana no programa das Jornadas Mundiais da Juventude. Os dias foram preenchidos com muitas e diversas atividades numa vivência juvenil e ecuménica inesquecível. O dia a dia iniciava-se com um tempo de oração na própria Catedral seguindo depois os jovens para as atividades inseridas na programação oficial das Jornadas.

Com o tema «O mais importante é o amor» baseado na primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios, o Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana promoveu de 18 a 23 de setembro a 27.ª edição do seu Campo de Férias. Este ano o evento decorreu nas instalações do Sindicato dos Bancários do Sul na bonita localidade de Ferreira do Zêzere e contou com um grupo de 22 participantes. Houve tempo para passeios, reflexão bíblica e oração, jogos e mergulhos na piscina.

Da programação semanal fez parte um workshop do bolo bíblico. O tema do Campo de Férias foi apresentado por vários intervenientes.



RECEÇÕES NA IGREJA, ADMISSÕES À EUCARISTIA, NOVO PÁROCO E PROGRAMA DE ANIVERSÁRIO **REDENTOR**

Na celebração dominical de 28 de maio foram recebidos como membros da Igreja Acilon Batista, José António Oliveira e Cecilia Ferreira. A 4 de junho as crianças Madalena Azevedo, Flor Silva, Alexandre Fernandes, Cristovão Batista, Rodrigo Fernandes e o jovem Diogo Mota foram admitidos à participação na Sagrada Eucaristia.

A 1 de julho passado realizou-se a colação como Pároco da Paróquia do Redentor (Porto) do Presbítero Pedro Miguel Raimundo Fernandes. A celebração eucarística foi presidida pelo Bispo D. Jorge, coadjuvado pelo Bispo Emérito D. Fernando, pelo Vigário Geral, clero de ambos os Arcepresbiterados e contou com uma boa participação dos membros da paróquia e da diocese. Foi um momento de grande felicidade e satisfação com tempo também de homenagem ao Presbítero Carlos Duarte, na sua despedida como Pároco desta Igreja ao longo de 10 anos. No domingo de 4 de junho foi grande a satisfação de toda a comunidade.

A 22 de outubro no contexto da Festa do Trabalho e das Colheitas foi apresentado o programa celebrativo dos 140 anos da consagração do Templo do Redentor (1884-2024). Com um carácter mensal serão realizadas atividades celebrativas que culminarão no culto eucarístico de 11 de março de 2024 data da consagração da Igreja do Redentor. Deu-se início também à campanha de angariação de fundos para as obras de remodelação do telhado da Igreja.



NOVO CENTRO ANGLICANO EM SANTIAGO DE COMPOSTELA

No passado dia 2 de maio a Igreja Espanhola Reformada Episcopal recebeu as chaves de uma Pousada em Santiago de Compostela à qual foi dado o nome de “Pousada Santa Cristina”. De imediato a receção deste espaço tornou-se num projeto muito acarinhado e a Igreja entendeu que tinha ali a possibilidade de abrir uma casa para dar acolhimento aos Peregrinos das Igrejas Anglicanas e Episcopais em visita espiritual àquela cidade e à sua Catedral. O projeto tem também intenção de acolher Peregrinos de qualquer Confissão Cristã e Peregrinos sem identificação confessional, mas em busca de espiritualidade.

A casa tem 15 quartos – 11 duplos, 2 triplos e 2 singulares, distribuídos por dois edifícios separados por um pátio. O número de hóspedes desde maio até julho deste ano é bastante animador fixando-se na totalidade em cerca de 1400 utilizadores. A acompanhar os diversos grupos destaca-se a presença de 13 clérigos de diferentes Igrejas provenientes da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, da Igreja da Irlanda, da Igreja de Ingla-

terra, e outras denominações. Acerca deste projeto, o Reverendíssimo Justin Welby, Arcebispo de Cantuária, enviou à Igreja de Espanha uma mensagem da qual destacamos as seguintes palavras:

“O Centro Anglicano para Peregrinos em Santiago de Compostela, contribuirá para a aproximação entre os cristãos, acolhendo a todos em vista ao bem espiritual comum. Apresento o meu agradecimento à Igreja Espanhola Reformada Episcopal por esta iniciativa que estabelece um Centro Religioso Ecuménico, que faz já parte do Ministério da Igreja Anglicana em Espanha”.

O Bispo D. Carlos Lozano afirmou que apesar das dificuldades próprias de um projeto como este; *“dá graças a Deus pela oportunidade de testemunho já dado a estes mais de 1000 peregrinos...”*. D. Carlos Lozano reconheceu que nada disto seria possível sem o apoio incondicional do Grupo de Amigos do Centro Anglicano de Santiago de Compostela, considerando um milagre de Deus tudo o que foi alcançado.



TEMPO DE BÊNÇÃO EM TERRAS AFRICANAS

De 22 de julho a 3 de agosto passado, 22 novos bispos juntamente com 15 esposas, de 11 países africanos e de 6 províncias anglicanas diferentes, encontraram-se nos arredores de Maputo (Moçambique) para um tempo de formação e de capacitação para a liderança episcopal.

O encontro realizou-se a convite do Arcebispo Carlos Matsinhé líder da Igreja Anglicana de Moçambique e Angola (IAMA), a mais recente Província Anglicana e foi organizado pela Conferência Africana das Províncias Angolanas e pelo escritório da Comunhão Anglicana sediado em Londres. A convite da Bispa Jo Bailey Wells (Bispa para o Ministério Episcopal na Comunhão Anglicana), o Bispo da Igreja Lusitana juntamente com sua esposa Rute Serronha, integraram o grupo de formadores e animadores que desenvolveu um vasto programa de trabalho que incluiu diversos temas de interesse para as novas lideranças e suas esposas. O evento que decorreu em Português e Inglês permitiu ainda o conhecimento da realidade eclesial local e a participação em diversas celebrações eucarísticas.

Referindo-se aos objetivos do encontro a Bispa Jo Baley Wells afirmou: *«a liderança pode muitas vezes sentir-se sozinha. É um dom os bispos e as suas esposas encontrarem-se e passarem um tempo em conjunto, e especialmente num contexto de províncias*

diferentes. Quanto mais variado for o contexto, mais reconhecemos o nosso chamamento e visão comum, e descobrimos como nos podemos mutuamente capacitar para os desafios que irão surgir».

A participação do Bispo D. Jorge e de sua esposa permitiu ainda reforçar os laços de comunhão e de trabalho entre as Igrejas anglicanas de expressão portuguesa presentes, concretamente, Angola, Moçambique, Brasil e Portugal. Foram identificados projetos de trabalho e de cooperação futura entre as diversas dioceses presentes. Em todos os participantes foi notória a alegria do encontro e do estabelecimento de laços de amizade pessoal que perdurarão não só pelo tempo do ministério episcopal, mas também pela vida.

D. Jorge expressou a sua alegria por poder partilhar a sua experiência de dez anos de trabalho episcopal com os novos bispos e poder acolher também novas visões de trabalho provenientes por vezes de contextos eclesiais de grande exigência, mas de vibrante testemunho de fé e amor à Igreja de Cristo. Por sua vez a sua esposa sublinhou a riqueza do contributo que as mulheres nas suas diversas funções e ministérios prestam ao serviço da Igreja não só acompanhando o ministério episcopal, mas afirmando também uma visão e um entendimento próprio da missão a ser desenvolvida.



PRIMEIRA MULHER SAGRADA EM ANGOLA

No dia 3 de setembro de 2023, em Luanda, Angola, aconteceu um acontecimento importante: o serviço de consagração e posse de D. Filomena Estêvão, recém-nomeada Bispa da diocese Anglicana Angolana do Bom Pastor. Esta ocasião histórica marcou a primeira vez que uma mulher foi eleita para liderar uma diocese dentro da Igreja Anglicana de Moçambique e Angola (IAMA). A cerimónia decorreu no magnífico Centro de Conferências de Belas, em Luanda, local com capacidade para acolher até 3.000 participantes.

O clima foi emocionante e o centro estava lotado de pessoas não só da Diocese do Bom Pastor, mas também das dioceses vizinhas. Todos se reuniram para testemunhar e celebrar esta importante conquista. Ministros de várias denominações foram convidados a participar, e o ar encheu-se com os sons melodiosos de bandas de metais, grupos de corais de igrejas irmãs e as vozes angelicais de vários coros anglicanos. O serviço religioso começou pontualmente às 9 horas e foi presidido pelo Arcebispo Carlos Matosinho, Bispo da Diocese Moçambicana dos Lebombos e Primaz interino da IAMA. Distintos bispos de três dioceses de Moçambique (Inhambane, Tete e Zambézia) e três de Angola (Cristo Rei, Divina Esperança e Centro e Sul) estiveram presentes.

No seu comovente sermão, o Arcebispo Carlos enfatizou as pesadas responsabilidades que advêm de

ser bispo. Lembrou à Bispa Filomena que o seu papel não estaria isento de desafios e que ela se deve esforçar por servir mesmo aqueles que possam opor-se ao seu episcopado. O amor e a misericórdia, enfatizou ele, deveriam ser os princípios orientadores do seu ministério, ecoando o espírito compassivo de Jesus. Além disso, o Arcebispo Carlos sublinhou uma verdade profunda: o chamamento de Deus para servir transcende as fronteiras de género, capacitando homens e mulheres para o serviço. Esta mensagem ressoou profundamente entre os presentes.

À medida que o serviço religioso se aproximava do fim, e antes de oferecer as suas bênçãos ao povo e à cidade, a Bispa Filomena teve o privilégio de ouvir discursos de familiares, funcionários do governo e representantes de outras igrejas. Estes dignitários apresentaram as suas mais sinceras felicitações à D. Filomena pela sua consagração, elogiando a Igreja Anglicana de Moçambique e Angola pelo seu compromisso corajoso e determinado com a igualdade de género em funções de liderança. O serviço de instalação da Bispa Filomena Estêvão será, sem dúvida, lembrado como um momento crucial na história da Igreja Anglicana de Moçambique e Angola, um testemunho do espírito progressista da igreja e do seu compromisso com a inclusão e a igualdade.

(Texto traduzido e adaptado do site da Manna)



ÁUSTRIA - BISPO DA IGREJA LUSITANA NA SAGRAÇÃO DE **BISPA VELHO CATÓLICA**

A 24 de junho passado, o Bispo da Igreja Lusitana D. Jorge Pina Cabral, participou na Sagração da nova Bispa da Igreja Velho Católica da Áustria, Maria Kubin. A cerimónia teve lugar na Igreja Luterana de Gustav-Adolf em Viena de Áustria e foi presidida pelo Sr. Arcebispo de Utreque, Bernd Wallet com a presença dos bispos Velho Católicos e Bispos Anglicanos, clero e povo da Igreja e muitos convidados ecuménicos. A Bispa Maria Kubin, de 58 anos, foi eleita em abril passado pelo Sínodo Extraordinário da Igreja Velho Católica Austríaca. É a primeira bispa no contexto eclesial Velho Católico. O seu lema episcopal é: “Fala como uma profetisa”. A este propósito referiu :

O meu lema não é apenas o meu lema pessoal, aplica-se a todos nós. Falemos juntos profeticamente, isso significa: difundir uma vida nova! Este é o nosso chamado como cristãos. Por isso coloco a minha vocação pessoal ao serviço da nossa igreja, e ainda mais, do nosso mundo, para que a nova vida possa tornar-se uma realidade para todas as pessoas, animais, plantas e ambiente.

Desde 1965 que a Igreja Lusitana assinou uma Concordata de Plena Comunhão com as Igrejas da Comunhão de Utreque presididas pelo Arcebispo de Utreque. Deste modo e como sinal de comunhão, os bispos das diversas Igrejas estão presentes com imposição das mãos nas cerimónias de sagração episcopal. No âmbito da Concordata de Plena Comunhão, cada Igreja reconhece a catolicidade e independência da outra, concorda em admitir membros da outra Igreja a participar nos sacramentos e o ministério ordenado praticado é reconhecido.



SEMINÁRIO SOBRE DESCOLONIZAÇÃO

FAZER DOS ÚLTIMOS OS PRIMEIROS

A Comissão de Evangelização e Missão Mundial do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em colaboração com o Conselho Português de Igrejas Cristãs, realizou de 5 a 9 de junho passado, em Lisboa - um seminário, com o título “Fazer dos últimos os PRIMEIROS”, relacionando-o com o tema da descolonização. Na continuação da 11ª Assembleia do CMI (agosto 2022 em Karlsruhe – Alemanha), conferencistas e participantes revisitaram e voltaram a ouvir vozes da descolonização que inspiraram os movimentos de ajuda do CMI nos tempos mais importantes da luta pela descolonização durante os anos 50 e 60 do século passado.

Um webinar realizado no contexto do seminário ajudou os participantes a obterem uma melhor compreensão sobre os apelos recentes à descolonização; o desmascarar dos persistentes poderes colonialistas que persistem nos nossos sistemas; traçar um programa de missiologia sobre a descolonização, e um contributo mais alargado de envolvimento do CMI nos processos de descolonização.

“O nosso trabalho necessita de se desenvolver de forma a incluir as diferentes histórias que cada um de nós possui, aproveitar práticas com influência, a nossa visão, e espiritualidades que nos levem a aprofundar a experiência de justiça, reconciliação e unidade” disse o Rev. Dr Peter Cruchley, responsável da Comissão Evangelização e Missão Mundial do CMI. “O trabalho

realizado durante os anos 60 e 70 pelo CMI durante a descolonização não está ainda completo, porque a descolonização ainda não acabou e neste nosso tempo atual a recolonização é ainda mais subtil e eficaz.”

“Este seminário permitiu-nos fazer a mudança da perspetiva global acerca da descolonização para a passarmos a considerar no contexto de Portugal, que foi o primeiro país Europeu a dar início à opressão colonial, e o último a pôr-lhe termo” referiu a jovem Nuna, portuguesa e ativista nesta temática que desafiou também o CMI referindo que «é impossível falar acerca da libertação, sem confrontar a religião opressora e a violência feita em nome de Deus».

Numa mensagem do COPIC referente ao tema do seminário foi dito: “Com Portugal começou a Idade das Descobertas no século XV e sendo um país colonizador ao longo da sua história e envolvidos em diversas guerras coloniais, o tema da descolonização continua a ser um tópico de difícil aproximação na sociedade Portuguesa, dadas as suas implicações na reconstrução das memórias e experiências herdadas do passado.”

O programa do encontro contemplou uma visita e tempo de trabalho na Catedral Lusitana de S. Paulo em Lisboa que se iniciou com um momento de oração e de acolhimento da Palavra de Deus.

A FÉ CRISTÃ NO CONTEXTO ATUAL DE

LUANDA

*Por isso, meus queridos irmãos sejam firmes e constantes.
Façam sempre com entusiasmo aquilo que o Senhor quer,
porque o esforço que fazem por Ele nunca será inútil.*

S. Paulo aos Coríntios I, 15:58

O desafio que se nos coloca, ao abordar o tema em foco, obriga-nos a questionar a relação da fé com a verdade, isto é, com a realidade em que o indivíduo vive, o contexto cultural em que está integrado. Importa ter presente que a multiplicidade cultural nos induz a reconhecer a relatividade de cada uma das realidades, fator que controla a verdade.

Luanda é a capital de Angola, situada na menor das províncias, no que concerne a extensão territorial, mas com a maior densidade populacional relativamente às demais províncias. O custo de vida é muito elevado, o que faz com que os órgãos de decisão se centralizem na capital, levando a que a capital muitas vezes, seja vista como o país no seu todo ou, por outra, fazendo parecer que Angola é só Luanda.

Como cristãs e cristãos, não podemos esquecer que anunciar Deus ao mundo e ao ser humano exige que a verdade seja colocada no centro da nossa reflexão, facto que nos leva a termos em mente que a fé é a verdadeira essência do ser humano – a Verdade. Não podemos, pois, esquecer o que Jesus respondeu aos discípulos: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.” (Evangelho de João, 14:6).

No caso concreto de Luanda, como cristãs e cristãos, tendo em conta todos os problemas com que se confronta, a fé cristã leva-nos a questionarmo-nos, continuamente, a sentirmos sempre a necessidade de refletir sobre a realidade e de encontrarmos formas de provar que a relatividade da multiplicidade cultural tem de ser tida em conta. Começamos, pois, por nos questionar

Qual é a situação real em que o habitante de Luanda vive?

Entre as lágrimas de crianças pedintes, entre as vozes famintas de homens e mulheres sem norte, em todas as artérias da cidade, está também e, acima de tudo, a ausência da sensibilidade e da construção da alteridade que a igreja cristã apregoa. Este cuidar do outro – o amor ao próximo, que se ausenta à medida que o tempo passa, é um enorme desafio para a cristã, para o cristão no tempo atual. A temática em abordagem é o desafio em que é exposta a nossa fé perante a falta de sensibilidade no contexto atual.

Qual é verdade com a qual, como cristãs e cristãos, nos confrontamos?

A fé crista centra-se, fundamentalmente, nas escrituras sagradas, no credo, nos mandamentos e nos sacramentos. Ao seguirmos os preceitos de uma vida cristã, comprometemo-nos em viver com e como Cristo. É, realmente, triste ver o estado das crianças de rua, sempre na rua, dos homens e mulheres em busca do mínimo necessário para se manterem em pé — estado crescente e lastimável. Diante deste quadro de dor, surge a indagação

Como é constantemente testada a fé cristã de quem se vê envolvido(a) numa trama igual?

A união entre a fé, a razão e a orientação moral pelo amor, é a força que leva o cristianismo a se abrir universalmente; a (re)ligação permanente, ou seja, a religião é a súplica da razão (o motivo) que leva o cristão, a cristã, a ter fé e a implicar-se na caminhada da vida, para a Vida. Paulo, na Carta ao Filipenses deixa o apelo: “Levai em consideração tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama”



Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças (...) Ame o seu próximo como a si mesmo! Não existe mandamento maior do que estes.

Evangelho de Marcos, 12: 30,31

(Filipenses, 4:8). E se, por um lado, os ensinamentos da vida cristã incitam a doar e a doar-se, por outro lado, de novo nos questionamos

O que dar quando tudo que há para doar é somente o que não se tem?

Há que nos envolvemos em orações constantes, abrimo-nos a Deus, procurando a sua orientação e confiando na possibilidade de Ele nos oferecer uma fórmula de solução para o problema; porém, se descobrirmos, na manhã seguinte, que tudo volta a acontecer de novo, não podemos desistir, não podemos deixar que as crianças, os homens e as mulheres continuem confrontando-se com estes problemas. Por vezes, sentimo-nos incapazes de resolver os vários problemas que assolam os mais vulneráveis.

Todavia, pela fé em Deus, podemos manter-nos decididos(as) a oferecer ao 'outro', o mesmo cuidado e consideração que, como cristãs e cristãos dedicamos ao nosso 'eu'. Deus leva-nos a ter o coração voltado ao amor ao próximo, procurando soluções para os problemas e respondendo aos desafios que a sociedade nos propõe. Daí que possamos afirmar que a fé cristã nos leva a uma visão racional das realidades diversificadas da multiplicidade cultural com que nos confrontamos, ou seja, há que ver o mundo, a natureza, o ser humano, à luz do amor de Deus, seguindo os mandamentos que Cristo nos deixou.

Angelina Mbuco e Estela P. R. Lamas



OS QUE PROCURAM E AS IGREJAS

As igrejas estão em dificuldades, sobretudo no Ocidente. Os dias da christianitas, uma "civilização cristã" partilhada por toda a sociedade, já lá vão. Mas o cristianismo como visão do mundo, como confissão, também chegou ao fim. Essa forma de religião adequava-se à modernidade, com a sua ênfase na racionalidade e no indivíduo. Mas também esse tempo chegou ao fim. O cristianismo está a atravessar um período de transformação. "O cristianismo da modernidade tardia encontra-se numa situação de uma espécie de sem-abrigo cultural", defende o teólogo checo Tomas Halík.

Mas isso não significa que as pessoas não se empenhem na fé. Pelo contrário, para além dos fiéis frequentadores de igrejas que se envolvem ativamente na forma institucional do cristianismo, parece haver muitos crentes que se distanciam dele, em maior ou menor grau. A evolução cultural leva a que já não olhem para as igrejas com interesse para alimentar e viver a sua fé. Em consequência, as Igrejas sentem-se destituídas de poder. Afinal, que mensagem é que estes crentes estão realmente a transmitir? Se este tipo de igreja, que vê a fé como uma confissão fiável, já não faz sentido, qual é a alternativa? E como é que lá chegamos?

Os que procuram

Chamo a esta categoria de crentes críticos "os que procuram". Encontramo-los por todo o lado. Por exemplo, um grande jornal holandês publicou entrevistas com vários deles durante dois anos.

A ocasião foi a própria experiência da jornalista. Depois da morte demasiado prematura do marido, ela sentiu como a sua fé estava a mudar. A cristã ortodoxa, outrora fiável, cedeu. Encontra-se numa profunda crise de fé. E quando lhe perguntam agora em que acredita, enumera (cito um artigo seu), "uma combinação de cristianismo, humanismo, budismo e taoísmo (...) por vezes indo à igreja, um retiro, ioga, meditação diária: zen, mindfulness, meditação cristã". E acrescenta: "enquanto escrevo isto, sinto imediatamente um julgamento do passado com termos como sincretismo, então chamado 'nova era'. O declive escorregadio. O princípio do fim". E continua: "Apercebi-me: ninguém sabe. Estamos todos à procura". Além disso, conclui por si mesma, "há uma semelhança surpreendente em rezar a Deus ou colocar uma carta de tarô para obter clareza sobre o próximo passo da sua vida. Parece-

me mais benéfico aprender a viver com a incerteza e aprender a suportá-la. (...) Sinto um fundo debaixo de mim ou, pelo menos, a esperança de um fundo. Com óculos diferentes, de repente encontro nas palavras de Jesus noções que eu próprio descobri ao longo da vida (...)"

Estas citações são características da forma como "os que procuram" lidam com a fé. Outras entrevistas dão ainda mais cor a esta abordagem: afastamento do institucional e do dogmático, espaço para a procura e o não-saber, a experiência humana como ponto de partida e a vida das pessoas como lugar de revelação. É também surpreendente o facto de as pessoas acreditarem verdadeiramente na existência de Deus sem quererem articulá-la de forma classicamente dogmática. Sobre o que não se pode saber, é preciso calar. É por isso que o silêncio é de grande importância para "os que procuram". A única coisa que resta na crise e depois dela é o silêncio. Silêncio para contemplar, para deixar entrar a dor, para sentir a tristeza, a solidão, a perda. Esse silêncio tem um poder curativo. Torna-se a semente da renovação.

É por isso que os "buscadores" meditam muito. A tónica é frequentemente colocada no abandono do ego, bem como das instituições e das posições dogmáticas. Vários entrevistados dão ênfase a uma espécie de "teologia negativa". Resistir à necessidade de "preencher" quem seria Deus e suportar o não-saber são aspectos especialmente valorizados. Há uma consciência de que 'apenas' vestígios de Deus podem ser encontrados no nosso mundo; quem Deus é realmente permanece um mistério. A abordagem é inclusiva, em que "mente, alma e corpo" já não têm vidas separadas. Os jogos e a diversão não são tabu para os "novos cristãos" e, para eles, não são certamente antitéticos a uma atitude crente perante a vida. O misticismo é muito valorizado. A hospitalidade e a construção de comunidades são de grande importância. Os aflitos e os marginalizados têm um lugar especial. O sofrimento não é glorificado nem escondido. Em vez de uma ênfase no pecado original, há alegria pela "bênção da herança", como diz um entrevistado!

Conflito

Voltemos ao teólogo Tomas Halík. Ele argumenta: "*O rio da fé ultrapassou as suas margens originais: a Igreja perdeu o monopólio da fé. As instituições eclesíásticas já não têm o poder de controlar e disciplinar a fé: as tentativas de o fazer só podem levar a uma maior perda de influência e de autoridade moral*". De facto: "os que procuram" representam um desafio para as igrejas.

Acontece que elas nem sempre estão bem posicionadas para responder de forma construtiva e positiva. De facto, quando as Igrejas tentam controlar a situação, a abordagem moralista ao fazê-lo é impressionante. A fé

é expressa de forma abstrata e, sobretudo, enquadrada numa moral racional. Deus torna-se assim um garante de valores e normas. Esta dinâmica revela que as Igrejas se tornaram burocracias modernas que vigiam regras e leis, títulos e poderes, limites e acordos. A questão crítica é se elas perderam as suas almas no processo.

O meu argumento é que o cristianismo institucional, com as suas organizações eclesíásticas, é de facto muito "moderno". Quero dizer isto no sentido acima descrito: centrado em procedimentos e formas, organização e eficiência, crenças fixas e perfis. A dissolução que daí resulta parece-me ser a causa direta do choque que ocorre entre "os que procuram" e as igrejas. Ambos não sabem o que fazer um com o outro. As igrejas institucionais parecem impotentes para estabelecer uma relação com eles. Isto deve-se a uma abordagem burocrática. Os 'buscadores' partilham entre si a experiência de se confrontarem com os limites dessa cultura tão tipicamente moderna e querem romper com ela. Numa busca romântica de maior autenticidade, estão a construir um estilo de vida alternativo em que a ligação consigo próprios, com os outros, com a natureza e também com "o Superior", é central. A sua própria vulnerabilidade já não é um obstáculo a ser "dominado", mas sim uma fonte de criatividade e de ligação. O reconhecimento e o respeito por essa vulnerabilidade são fundamentais.

É por isso que, segundo Halík, o cristianismo precisa de ser transformado. Fala de uma "auto-transcendência". Escreve: "*Se a Igreja quer atravessar as fronteiras e servir todas as pessoas, o seu serviço deve estar ligado ao respeito pela alteridade e pela liberdade daqueles a quem se dirige. Ela deve despojar-se da intenção de atrair todos para as suas fileiras e de os controlar, de os "colonizar". Ela deve confiar no poder de Deus e contar seriamente com o Espírito para atuar para além das fronteiras visíveis da Igreja.*"

A questão, então, é como nós enquanto igrejas, participamos da necessária transformação do cristianismo que o tornará mais intensamente ligado à busca de Deus pelas pessoas. A espiritualidade, como paixão pela fé, terá que desempenhar um papel proeminente nesse processo. No entanto, as igrejas não têm de começar do zero neste processo. Pelo contrário. As grandes tradições espirituais e místicas oferecem muita inspiração. Em primeiro lugar, as igrejas podem ajudar a abandonar o seu ego e, portanto, a sua fixação em formas e interesses institucionais.

É tempo de as igrejas regressarem às suas almas!

Citações de Tomas Halík, Tempo de igrejas vazias, Praga 2020.

+Joris Vercammen Arcebispo Emérito de Utrecht

OUTUBRO DA PAIXÃO

A CRUZ EM QUE SOMOS PREGADOS!

MARIA, MÃE DE JESUS E JOÃO, O DISCÍPULO AMADO, AOS PÉS DA CRUZ

Agradeço o convite-desafio para participar no Novo Despertar, que leio sempre atentamente. Escolhi trazer uma reflexão, que partilhei já um pouco com Pastores da minha Igreja na Semana Santa. Da preciosa artista plástica, poetisa e animadora bíblica Jan Richardson, norte-americana que vive na Flórida e dirige Retiros espirituais, que conheci pelo facebook. É sobre a hora junto à Cruz de Jesus, em que Maria, sua mãe e João, seu amado amigo, assistem à sua agonia e a quem ele entrega um ao cuidado do outro como último legado de si mesmo.

A mensagem tocou-me por me ter evocado uma percepção da importância desse momento que me foi comunicada há uns anos quando numa viagem visitei uma Igreja Ortodoxa. Reparei que alguns ícones representavam Maria e João, e perguntei ao responsável que amavelmente explicou que desde aquela hora em que João recebeu Maria como sua própria mãe, ambos se instituíram como colunas da família da igreja e da fé, como representantes primeiros de todos os que se agregam a Cristo, como nossos irmãos primeiros. Como tal, Maria representa a igreja orante. E essa visão pareceu-me uma boa via alternativa e inspiradora de entendimento da sua relevância na Igreja nascente, face à ênfase católica que lhe é dada, por um lado e o seu quase esbatimento na mensagem nos meios protestantes ou evangélicos.

Pode parecer deslocado evocar a cruz e a entrega mútua da mãe e do amigo de Jesus, fora do calendário da Paixão. Mas talvez a mensagem da Jan Richardson, e do Bispo sul-africano Peter Storey que a inspirou, nos possam guiar no momento atual. O mundo angustiava-se com mortes, ódios raciais e religiosos do passado voltam como ameaças potenciais. Há novos silenciamentos. Cresce a indiferença selectiva ao sofrimento “dos outros”.

Por entre desilusões e fracassos, há os que choram desamparados os seus queridos, de olhar vazio, que a comunicação instantânea nos mostra. Talvez a impotência de Maria, João, e Jesus a morrer, nos traga de volta à nossa pele. E daí possa brotar uma esperança, para lá da esperança, vinda não se sabe de onde. E entre um compasso de espera e um gesto de abraço de cuidado, consigamos sentir a dor uns dos outros, e prosseguir vivos.

Aqui deixo a arte e as palavras de Jan Richardson:

**“Sexta-feira Santa: Na qual somos pregados!
Leitura Do Evangelho de João 18,1-19,42.**

"Há vários anos atrás, fiz uma série de desenhos a carvão para o livro de Peter Storey, Listening at Golgotha (Escutando

junto ao Gólgota), onde ele reflete sobre as Sete Últimas Palavras de Jesus na cruz. É um bispo reformado e líder activo da Igreja Metodista da África do Sul, e as suas experiências de trabalho pela justiça e reconciliação no seu país natal marcaram profundamente a sua compreensão da crucificação e ressurreição de Jesus. Na sua reflexão sobre a Terceira Palavra de Jesus: “Mulher, aqui está o teu filho.... Aqui está a sua mãe”, ele observa que, ao os dar um ao outro, a sua mãe e o seu querido amigo João, Jesus “criou uma comunidade que se tornaria família para a viúva, o órfão, o excluído e o estrangeiro”.

Peter escreve sobre o nosso chamamento para uma tal comunidade como uma “confiança sagrada” e pergunta: “Se o aceitarmos, alguém poderá sofrer fome, não ter onde morar ou passar necessidade? Haveria algum idoso solitário? Poderia haver um único filho indesejado? Se Jesus tornou a todos meus parentes, isso não faria que todas as guerras da história fossem guerra civis, e cada vítima uma morte na minha família?”

O bispo Peter prossegue dizendo: “Da cruz onde foi pregado, Jesus prega-nos uns aos outros!”

A primeira vez que li esta frase, sentada à minha mesa de desenho enquanto contemplava o manuscrito de Peter, estremeci. Eu queria alguma outra palavra em vez de pregado. Queria que Pedro dissesse que Jesus nos liga uns aos outros, ou nos une uns aos outros, ou alguma outra imagem menos chocante e sangrenta.

Enquanto continuava sentada diante da imagem, comecei a perceber: bem, sim, o Peter está certo. No nosso amor, no nosso chamamento e no esforço para sermos comunidade, somos pregados.

Ouvi histórias de mulheres e homens que conviveram com abusos; Fui – como todos nós – encharcada de imagens de terrorismo e guerra; tenho visto como algumas pessoas participam nas suas próprias feridas porque não sabem viver de outra forma, ou porque acreditam que o sofrimento, pela sua própria natureza, é de alguma forma redentor e deve ser procurado. Tudo o que sei sobre o amor de Deus faz-me resistir à ideia de que Cristo deseja o nosso sofrimento ou que Ele perpetuaria esta cultura de violência infligindo-nos voluntariamente a dor.

O que Pedro afirma aqui, no entanto, não é que Cristo deseje ou quer que sejamos feridos. Em vez disso, reconhece e nomeia o que acontece quando tentamos ser uma família de uns para os outros. Cristo não nos chama para procurar a dor. A dor não é o objetivo. No entanto, parece ser uma parte inextricável do



amor. Quando se trata de amor, não há necessidade de buscar o sofrimento. Ao correr o risco de nos expormos e de nos abrirmos uns aos outros, as feridas abrir-se-ão por si mesmas.

Chamamos Paixão à crucificação de Jesus, e assim é, tanto para nós como para ele. De cada vez que estendemos os braços de amor uns pelos outros, de cada vez que abrimos o coração, encontramos a sombra da cruz, mas também um vislumbre do túmulo aberto. Estamos realmente pregados.

É a nossa maior dor e a nossa mais profunda alegria.

Trespassados, quebrados, esgaçados, rasgados, pregados: quanto mais velha fico, e mais profundamente amo, mais vejo como as palavras que costumava evitar fazem parte do vocabulário da comunidade para a qual Cristo nos chama. Faz parte da linguagem dos corações que procuram viver em relacionamento uns com os outros, com todos os riscos, perdas e alegrias que advêm do amor. A palavra final de Jesus na cruz: “Em tuas mãos entrego o meu espírito”, lembra-nos que todo relacionamento, em algum momento, conterà um adeus.

No entanto, nós que conhecemos o resto da história, nós que vislumbramos o outro lado da Sexta-feira Santa, sabemos que a última palavra de Jesus na cruz não é a palavra final. Ainda há mais palavras por vir, palavras cruciais que Cristo ainda acrescentará ao nosso vocabulário, à nossa história, à nossa comunidade.

Por enquanto, esperamos. Juntos. Pregados uns aos outros.”

Junto à cruz, como duas colunas de amor inabalável, Maria e João vêm desabar o seu mundo em que Jesus era tudo! Maria vê destruído, na dor da morte do seu filho, tudo aquilo por que lutou desde que soube que ia ser mãe. João é o seu mais próximo amigo, até no fim. Da família, está ela. Dos seus seguidores, sobra João. Cruzam-se ali as duas dimensões do seu mundo. Maria, como família e povo. João é dos “filhos” que ele agregou a si com vista a um futuro. Maria representa a comunidade que espera em Deus e que desemboca n’Ele. João simboliza a comunidade da fé que parte d’Ele. Jesus agrega-os, amassa-os na nova realidade que liga o povo à igreja!

Maria, agora família de João, passa a estar também com os outros discípulos e com a restante Igreja nascente, à qual se juntam os irmãos de Jesus, já reunidos no Pentecostes.

Em pleno momento de sofrimento e dor, Jesus gera uma família “reconstituída”. Que dará forma à família da Igreja, aberta ao futuro, e ao Reino de Deus. Tal como a estranha família de Noemi e Rute, no seu cuidado mútuo eles albergam sem o saber uma nova possibilidade de esperança, que a Ressurreição veio abrir e o Espírito Santo veio capacitar!

É nesta família que Deus, pela sua graça, nos acolhe em Cristo! E é talvez só nesta dimensão de família humana, criada por Deus, reconstituída, “pregada” por Cristo que podemos curar este nosso mundo: do vazio da dor e da indiferença, da falta de amor e de esperança.

Míriam Lopes, Pastora da Igreja Presbiteriana

AINDA HOJE JESUS CONTINUA A SER CRUCIFICADO EM LUGARES QUE SÓ SE TORNAM CONHECIDOS PELOS HORRORES QUE AÍ SÃO COMETIDOS. SÃO O GÓLGOTA, O LUGAR DO CALVÁRIO, DO NOSSO TEMPO.

LUGARES ONDE NINGUÉM QUER ESTAR, MAS ONDE TUDO SE JOGA: A BARBÁRIE HUMANA E O SOFRIMENTO DOS INOCENTES; O DESPREZO PELA VIDA E A INTERPELADORA RESISTÊNCIA DAS VÍTIMAS.

